

A ESCRITA DO ANTIGO MUNDO MESOAMERICANO: UM OLHAR SOBRE O CÓDICE NUTTAL¹

*THE WRITING OF THE ANCIENT MESOAMERIC WORLD:
A LOOK OVER THE NUTTAL CODEX*

Fernanda Dellaméa² e Elisabeth Weber Medeiros³

RESUMO

Os Códices Mesoamericanos são livros manuscritos fabricados a partir de pele de veado, panos de algodão, da casca da figueira ou fibra de agave; geralmente possuíam a forma de sanfona e tinham as folhas coladas umas às outras. Eram denominados pelos mesoamericanos de Amoxtli ou fibras de papel coladas. Existiam casas especializadas em que os códices eram guardados, os amoxcalh, e pessoas designadas para sua produção e leitura, os tlacuilos. Os códices pré-hispânicos são mais raros e, entre eles, está o Códice Zouche-Nuttal, objeto desta pesquisa. A metodologia utilizada foi a análise do documento, sua estrutura interna, modo como foi confeccionado, procedência e relevância histórica, tendo como suporte fontes primárias, como as crônicas dos missionários espanhóis, e secundárias, as que se referem ao manuscrito e à história indígena da América Antiga. Constatou-se que o Códice Zouche-Nuttal procede da região da Mixteca Alta, atual Estado de Oaxaca, no México, sendo datado do final do período pós-clássico e é um códice genealógico.

Palavras-chave: Códice Zouche-Nuttal, Mixteca, escrita pictográfica.

ABSTRACT

The Mesoamerican Códices are handwritten books made of deer skin, cotton rags, fig tree bark, or agave fibre, generally they were fanlike and had the sheets pasted on one another. They were named Amorfli or pasted paper fibers by the Mesoamericans. There were specialized houses where the codices were kept, the amoxcalh and people assigned for production and reading, the tlacuilos. The pre-Hispanic codices, are rarer and among them is the Zouch-Nuttal Codice,

¹ Trabalho de Iniciação Científica - PROADIS/UNIFRA.

² Acadêmica do Curso de História - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

object of this research. The methodology applied was the analysis of the document, its internal structure, how it was manufactured, origin and historical relevance, having as support primary sources as the Spanish missionaries chronicles, and as secondary material that make reference to the manuscript and the Indian history in the early America. It was drawn the conclusion that the Zouch-Nuttal Codice comes from the Mixteca Alta region, current state of Oaxaca, Mexico, dated from the end of the post-classic period and it is a genealogic codex.

Key words: *Códice Zouche-Nuttal, Mixteca, pictoglific writing.*

INTRODUÇÃO

Ao lançar um olhar atento sobre a região da Mesoamérica, percebe-se uma realidade que decepcionaria quem esperava encontrar aí somente povos ignorantes e bárbaros.

É possível vislumbrar, ao contrário, um rico sistema que conseguiu unir a oralidade da palavra (*huehuetlatolli*⁴) à escrita que se desenvolvia em ritmos variados de povo para povo, mas que, em comum, possuía o sistema de glifos e pictografias, a partir do qual é possível antever a arte mesoamericana.

O mais impressionante é que não somente um ou dois livros, mas diversos estilos literários abrangem os diversos temas da cultura mesoamericana. Poucos são os códices pré-hispânicos restantes na atualidade, devido à tentativa espanhola de “civilizar e catequizar” esses povos que, ao tentarem adaptar-se para melhor resistir e preservar seu passado e sua cultura, permitiram que traços da sua identidade chegassem até os dias atuais, fosse através dos códices que chegaram até as gerações de hoje, ou de elementos da sua cosmogonia, conhecimentos e festas.

Desses códices, o presente trabalho analisa o Códice Zouche-Nuttal, um dos poucos manuscritos pré-hispânicos que se possui atualmente, proveniente da região mesoamericana da Mixteca Alta, e que esclarece sobre a realidade histórica da região ao tratar da genealogia dos senhorios e do seu respectivo contexto.

OS CÓDICES E SUA LINGUAGEM

Antes de se tratar, especificamente a respeito do Códice Nuttall, faz-se necessário um breve comentário sobre os códices em geral, sua natureza e como os mesmos são vistos por outras culturas, para que então seja

⁴ Termo de origem mixteca para designar a antiga palavra ou seja a tradição oral.

ISSN 1981-1381
possível entender o Códice Zouche-Nuttal.

Os códices são livros escritos pelos povos mesoamericanos, já que não se encontram vestígios de um registro semelhante com os povos andinos. Os mesmos, confeccionados por pessoas especializadas, os *tlacuilos*, eram importantes para o registro do passado, os ritos e hinos desses povos.

Porém, apesar de se estar falando em livros e escrita, não se pode pensar nesses manuscritos tendo em mente os conceitos e forma européia de um livro. O Códice Zouche-Nuttall foi confeccionado sob a pele de veado, tratada com uma camada de *estuco*⁵, para fixar a tinta no momento da escrita, sendo organizado em forma de biombo.

Esses livros eram confeccionados, além da pele de veado, com papel fabricado a partir da casca de figueira ou fibra de agave e, ainda, sobre pano de algodão. Além da forma de biombo com as folhas coladas e dobradas, havia outras formas, como compridas tiras e grandes telas.

O Códice Zouche-Nuttal foi escrito nos dois lados, anverso e reverso, observando-se que cada lado apresenta 42 páginas. O anverso abrange da página 1 a 42 e o reverso, da 43 a 84, pintado com tintas de origem vegetal, mineral e animal, ou seja, percebe-se que há a presença exclusiva de cores primárias como o azul, vermelho, amarelo e preto.

Não é considerado um livro grande, uma vez que cada página tem em suas dimensões 24,3cm por 18,3 cm e, ao todo, apresenta 41,5 cm ou 86,3 cm por 1,84 cm. Esses livros eram chamados de *amoxtli* e, a respeito dos mesmos, Santos (2002) comenta:

Em *nahuatl*, a palavra *amoxtli* origina-se da palavra *amatl* e *oxitl*, que juntas significam folhas de papel coladas. Esses livros eram tão importantes que o *tlamantini*, ou o sábio, também era chamado de *amoxhtoca*, isto é, o que possui o *amoxtli* ou o que segue o caminho do livro (p.87).

Os manuscritos eram geralmente guardados em casas especializadas, onde ficavam sob os cuidados dos sábios mixtecos. Do mesmo modo, não se tem conhecimento dos seus autores, porque o objetivo era servir à comunidade, à coletividade, ou seja, a participação do aprendizado dos livros, cantos e história pela comunidade, além de fazer parte dos rituais.

A esse respeito Leon-Portilla (1992) observa que os códices estimulavam a recordação do que se aprendia de memória, sendo lidos e recitados. Os livros faziam parte do que ele denomina “tradição oral formal”, ou seja, eram utilizados para ensinar nas escolas, sendo repositório

⁵ Preparado de água e cal que tinha por função fortalecer a pele de veado, polindo-a para amenizar as irregularidades da pele.

do conhecimento dos sábios e sacerdotes. Os seus escritores, os *tlacuilos* provinham do extrato social dos *pipiltin*, isto é, dos nobres, os que “faziam parte de uma linhagem”. Essa organização social refletia a visão dualista do mundo desses povos, tanto em reconhecer a organização do universo em *Topan* “o que está acima de nós”, ou seja, o mundo dos deuses, dos astros, como do *Mictlan* “a região dos mortos”, que se contrapõem ao mundo terrestre.

Assim, havia também a ideologia de que nem todos os homens eram iguais, o que significa que a dualidade estava presente também no âmbito social. A maioria devia conformar-se em fazer sacrifícios e penitências, a fim de pagar as dívidas com os deuses. Esses eram os *macehualtin* ou mercedos. Também os *pipiltin* conheciam mais sobre sua origem, possuíam uma linhagem, o que significava possuir o conhecimento, sendo esses os governantes, juízes e sábios e conhecedores dos símbolos e da escrita (LEÓN-PORTILLA, 1996).

León-Portilla (1996) ainda destaca que, devido ao conhecimento estar na sua maioria concentrado nas mãos dos *pipiltin*, os *macehualtin* possuíam somente noção do básico para sobreviver e obedecer aos escritos, o que refletia a visão do mundo, a ideologia dessas classes dominantes.

Outro ponto fundamental para o entendimento dos códices é o fato de que a escrita mesoamericana unia-se à oralidade original. Ela permitia que se implementasse, no momento do relato, inovações, músicas, ou seja, mantinha uma dinâmica repleta de exercícios de criatividade, ritmo e oratória, conservando as narrativas originais e preservando a memória.

No próprio Códice Zouche-Nuttal observa-se que, ao ser lido em língua *nahuatl*, mantém uma melodia levando em conta a oração. Por ser uma língua tonal, certas palavras sofrem alterações, pela sua nasalização ou diferenciam-se de outras palavras, somente pelo tom, como observaram Jansen et al. (1992), ao elaborarem uma interpretação em *nahuatl* do códice. Esses pesquisadores ressaltaram o fato de que, mesmo tentando traduzir para a linguagem indígena, não foi possível manter a oralidade e flexibilidade original, em partes porque muitas informações sobre o *nahuatl* pré-hispânico perderam-se e, com isso, a noção mesoamericana de rima e métrica.

Pode-se observar esse aspecto da língua mixteca se for recordado que o tom de uma palavra pode influenciar o tom da palavra seguinte e que os tempos verbais eram representados por sufixo: *Ni*-indicando o tempo passado e *Ka*-indicando o plural.

Outro fator importante consiste no fato de que assim como ocorreu com outros idiomas, a passagem do oral para a escrita foi espontânea,

por meio de sábios que descobriram como representar o que viam, o que faziam e pensavam, ou como imposição a povos vencidos perdendo muito da sua dinâmica.

A ligação entre a escrita e oralidade fica mais evidente ainda quando se observa que os relatos iniciavam com termos que remetiam a fala como: *nicamumihtoa*, *montenehua*, ou aqui se diz, se fala.

O CÓDICE NUTTAL NO UNIVERSO DOS REGISTROS MESOAMERICANOS

Os estudos a respeito do Códice Zouche-Nuttal têm sido muito elucidativos quanto ao seu conteúdo e sua estrutura. Sabe-se hoje que este códice é proveniente da região de Mixteca Alta, o que corresponderia ao atual estado mexicano de Oaxaca. Cronologicamente, pertence ao período pós-clássico⁶, entre o ano 1000 d.C. e 1500 d.C, mais precisamente, encaixar-se-ia nos últimos 100 anos antes da conquista. A região Mixteca é composta de subregiões como a da Mixteca Alta, Mixteca Baixa e região montanhosa. Cada subregião é formada por muitos povos que, devido ao intenso intercâmbio, acabavam por absorver elementos de suas culturas, formando alianças políticas.

Durante algum tempo, acreditou-se que o manuscrito teria ido para a Europa como um dos muitos presentes que Cortez levava da América para os reis espanhóis. Atualmente, sabe-se que o códice esteve nas mãos dos freis dominicanos que, ao tentar estudá-lo, escreveram anotações em latim a respeito dos glifos calendáricos. No entanto, como explicam Jansen et al. (1992), provavelmente estava distante de qualquer bibliografia, porque não reconheciam os glifos. Contudo, perdeu-se no que diz respeito ao ciclo de 52 anos que o calendário mixteca possui.

Posteriormente, foi encontrado pelo lord inglês Zouche, que o doou ao Museu Britânico. A pesquisadora Zélia Nuttal, ao vê-lo, pediu permissão ao museu para estudá-lo, surgindo deste trabalho a primeira interpretação do códice em 1902. A mesma foi distribuída pelo Museu Peabody, de Harvard com a versão facsimil do códice. Hoje, o Códice Zouche-Nuttal encontra-se na Inglaterra. Assim como ele, foram poucos os códices que permaneceram no México, de forma que a maioria encontra-se em diversos países da Europa e nos Estados Unidos.

Até a pesquisa de Zélia Nuttal existiam dúvidas quanto a sua procedência, sendo que alguns estudiosos afirmavam que o Códice seria

⁶ Período compreendido entre os anos 1000 d. C. e 1500 d. C.

de origem mexicana e outros de origem chinesa. Entretanto, a partir dos estudos de Zélia Nuttal e de outros pesquisadores como Alfonso Caso e Nanci Troike, esses equívocos foram sendo elucidados.

O Códice recebeu uma numeração em suas páginas e letras para as páginas em branco ao fim da narrativa, como letra A, que indica a capa, as letras B a E ao fim do anverso e F a H ao fim do reverso.

A numeração foi mais problemática porque o Códice Zouche-Nuttal foi numerado duas vezes. A primeira por Zélia Nuttal que, ao observar que a cena da página 19 (anverso) e a 64 (reverso) se estendiam até a página seguinte, considerou-as como uma página só, enquanto o Museu Britânico (1919) numerou novamente. Fê-lo, porém, de forma puramente seqüencial, ou seja, levando em conta somente as páginas em si, inclusive numerando as páginas em branco e carimbando-o com o selo do Museu.

Como fonte histórica, os códices foram por muito tempo ignorados, vistos apenas como manuais religiosos, astronômicos ou simples curiosidades. Alguns estudos mais atuais afirmam que seus personagens e simbologias nada mais eram que componentes de fórmulas e cálculos que determinariam a trajetória dos planetas, ou seja, os deuses, reis, sacerdotes, seriam a representação simbólica dos astros.

Chegou-se, inclusive, a desenvolver cálculos a partir dos elementos pictóricos dos códices para determinar o ano bissexto necessário ao lapso de cada 80 anos. A descoberta do chamado *Mapa de Teozacualco*, no qual estava representada a geografia do senhorio mixteco de *Teozacualco*, além de conter, na lateral, duas colunas em que casais eram representados, ou seja, a genealogia dos senhores e famílias reinantes daquele local, serviu para a interpretação da iconografia presente nos códices mixtecos como a Pedra de Roseta egípcia. A partir da comparação genealógica ali presente, com os relatos já conhecidos, e descobertas arqueológicas, ficou provado que os personagens presentes nos códices eram seres históricos e aos poucos foram reconstruindo as suas biografias. Muitos personagens presentes no Zouche-Nuttal são observados em outros códices e no próprio *Mapa de Teozacualco*.

No caso do Códice Zouche-Nuttal, ao comparar os dados que ele apresenta com outras fontes, encontram-se incongruências entre datas, ação dos personagens, às vezes até tornando confusa a identidade dos mesmos.

Um exemplo típico no Zouche-Nuttal é o fato de atribuírem duas datas de nascimento ao Senhor Oito Vento e dois senhorios natais, que na verdade queria representar a data em que, se “purificando” através de rituais e peregrinações, ele “renasceu” para assumir o trono.

Mais complexo ainda é o caso do Senhor 3 Mono, cuja data de nascimento não conferia com o contexto histórico da época em que nascera

ISSN 1981-1381
E nem com o que se escreveu deste personagem em outras fontes, o que não desmerece o aspecto histórico do livro, pois são exceções.

A análise do Códice Zouche-Nuttal precisa ser feita no contexto social, cultural e econômico da sua época. Caso contrário, corre-se o risco de se perder a sutileza e especificidade do pensamento mixteco ao tentar relembrar e reconstruir a história de um povo com um olhar externo a sua cultura. Basta ver o exemplo da guerra entre o Senhor Oito Veado e do seu povo contra os homens de pedra. Ao se ler literalmente esse evento, acreditar-se-ia tratar de um fato historicamente comprovado. Porém, o que se sabe é que esta guerra, na verdade, tratava-se de um ritual em que os sacrificantes e sacrificados rememoravam uma luta mítica entre os primeiros seres, acabando com o sacrifício dos prisioneiros de guerra e os escolhidos dentre a comunidade. Ou então, a narrativa conta a peregrinação da Senhora Três Pedernal a um templo e que, ao chegar, ajoelha-se e faz reverência, transformando-se num caracol.

Nada mais é do que o ritual de purificação que incluía a oferenda de sangue humano. Atingia-se ao nível da pessoa entrar em transe pela perda de sangue e era acometida por visões, geralmente de seus ancestrais. Isso significava que ao receber o sinal de ter visão e se recuperar, a pessoa fora abençoada.

O Códice Zouche-Nuttal, assim como outros códices, deve ser tratado como um documento literário da mixteca, com características históricas e com uma importante mensagem ideológica.

A respeito da aceitação dos códices como fontes históricas e sua relevância como documento, Santos (2002) explica: “Muitos estudiosos não aceitam a profundidade temporal registrada nos códices ou estelas, alegando serem datas simbólicas ou míticas [...] Outros estudiosos defendem a necessidade de maiores estudos [...]” (p. 85). O mesmo autor ainda esclarece que: “O desinteresse ou mesmo negação dos processos históricos desses grupos é o lançamento de toda produção intelectual no campo das fábulas ou da imaginação” (p. 79).

CONTEÚDO E SIGNIFICADO DO CÓDICE ZOUCHE-NUTTAL

O Códice Zouche-Nuttal, assim como os outros cinco códices mixtecos pré-hispânicos que chegaram até os dias atuais, apresentam seres humanos em diversas atitudes e elementos associados ao universo das realidades divinas, integrantes de uma narrativa, que é mito, história e arte em um só.

Para se compreender melhor o Códice Zouche-Nuttal, é necessário observar as técnicas e os artifícios que os *tlacuilos* mixtecas utilizavam para

melhor organização das cenas, das idéias a que se propunham representar. Um dos primeiros artifícios que se nota ao folhear as páginas do Códice é a presença de linhas vermelhas, que serviam para indicar o sentido que se dava à leitura, separando uma cena da outra. A linha vermelha indicava um sentido em zigue-zague.

Ao se analisar o Códice Nuttal, tanto sua escrita quanto seu aspecto artístico, a tendência é olhá-lo sob os critérios artísticos ocidentais, marcado pelos cânones pictóricos do Renascimento e os conceitos da escrita alfabética. Também servem de padrão para a análise dos sistemas pictográficos mixteco-*nahua*. Seria visto como resultado de uma cultura que não desenvolveu plenamente a arte da pintura, pois não “reproduzia realisticamente” o mundo. Seria esse o objetivo dos *tlacuilos* mesoamericanos?

Para tentar responder a essa pergunta, deve-se observar que em muitas cenas, alguns elementos aparecem com se fossem vistos lateralmente ou de cima, pois era importante para que o observador-leitor pudesse visualizar aspectos da cena que não estariam visíveis se fossem retratados todos do mesmo ângulo.

Sobre esse aspecto Santos (2003) escreve:

Certamente os critérios de escolha e de disposição dos elementos representados nessas duas composições, foram pautados antes por significados pictográficos do que por preocupações com princípios anatômicos ou óticos preocupações essas que também estavam presentes no processo de composição, mas não eram os centros das atenções [...] (p. 5).

Não somente este aspecto diferia a arte presente no códice, mas peculiaridades quanto a representações de certos personagens, certos lugares. Os personagens são representados em posições estereotipadas para indicar suas diversas atividades. Algumas poses são facilmente identificáveis como a “hostilidade”, que é representada por guerreiros alvejando seus oponentes com golpes de lanças. Os casais que são vistos um de frente para o outro, sentados em um tapete ou sobre troncos de pele de Jaguar. As crianças são representadas com feições adultas, porém desenhadas menores. Esses personagens são identificados pelos seus nomes calendáricos e, também, pelos seus trajes. O Senhor Oito Veado, por exemplo, aparece quase sempre usando um casaco de pele de Jaguar. Também, observa-se que os trajes para rituais servem para qualificar a natureza das atividades políticas ou sociais, nas quais os indivíduos participavam, como em guerras e matrimônios. Um exemplo são os sacerdotes, que geralmente usam túnicas brancas ou vermelhas. Os próprios deuses eram representados sob a forma humana.

ISSN 1981-0381 Os signos de lugares são compostos de duas partes, uma que seria um substantivo geográfico e, a outra, um adjetivo. Os elementos adjetivos são inúmeros e podem se referir a deuses, animais, plantas, entre outros. Os substantivos geográficos são poucos e sempre representam alguma característica natural ou feita pelo homem. Um exemplo é o nome de Tilantongo: *Ñunu tnoo* ou *Tablero de Grecas Negras*. Muitos nomes de lugares que aparecem nos códices são os mesmos da época arcaica (7000 a.C. a 2000 a.C.). Com a expansão do *nahuatl*, no pós-clássico, com os toltecas e os astecas, houve uma “astequização” dos nomes dos lugares já que *nahuatl*, aos poucos, foi tornando-se língua geral na Mixteca Alta. Com a colonização européia os nomes de santos patronos foram sendo incorporados ao nome mixteco de lugares.

Como observaram Jansen et al. (1992), no Códice Zouche-Nuttal é possível notar que ocorrem mudanças de estilo, de traços, o que indicaria que não foi a mesma pessoa que escreveu o códice do início ao fim, mas houve também troca de autor. Outro indício é o fato de que os capítulos e subcapítulos, muitas vezes, não se relacionam entre si, não apresentando uma narração coerente com o que se conclui que este códice não era um livro acabado. Provavelmente era um esboço feito em um ateliê, uma espécie de estudo em que vários aprendizes participaram de sua confecção.

Em certos casos há a combinação entre o elemento frontal e os perfis como nas situações em que a pessoa aparece sentada numa esteira. As esteiras possuíam um significado específico, indicando a dignidade de políticos e sacerdotes.

Representar os personagens com o rosto em perfil e o resto do corpo frontalmente não era uma regra absoluta. Na pintura de animais também ocorria algo semelhante em que a grande maioria está representada como se fosse observada lateralmente, estivessem caminhando ou voando na frente do observador. As aves, enquanto isso, são representadas inteiramente de lado e é possível perceber os elementos de cada espécie: a cor das penas ou o formato do bico.

No Códice Zouche-Nuttal, assim como nos demais códices mixtecas, aparecem, freqüentemente, símbolos calendáricos que seguem o calendário religioso mixteca, os quais indicam tanto as datas importantes como os nomes calendáricos dos personagens. O calendário religioso, além de determinar os dias das festas religiosas e sacrifícios, também determinava a sorte ou o destino que era reservado a uma pessoa, os quais estavam ligados ao dia do seu nascimento. Por isso, além do nome civil em *nauhtl*, a pessoa também possuía um nome calendárico. Dessa forma, é possível ver, por exemplo, o nome Senhora 3 *Perdenal*, *Quetzal Precioso*. O nome

3 *Pedernal* corresponde ao seu nome calendárico e *Quetzal* Precioso ao seu nome civil, que geralmente se relacionava a algum animal ou características do lugar onde vivia.

O calendário religioso também ajudava a prever os anos propícios para a agricultura, os melhores dias para uma expedição de guerra. Geralmente o ano pode cair em *Casa*, *Caña*, *Conejo* ou *Pedernal*. Com o ano, normalmente, aparece o nome do dia que pode ser *lagarto*, *perro*, *mono* ou outro constante no calendário, para chegar a vinte nomes de dias que ocorrem treze vezes cada um para chegar aos 260 dias do calendário lunar.

Os mixtecos nomeavam seus anos e os acumulavam dentro de um ciclo de cinquenta e dois anos. O motivo para as ilustrações do ano dos Oaxacas era um signo entrelaçado “A-O”, o que provavelmente significa uma coroa real. Então, cada ano era acompanhado por um dos quatro anos.

O ano era composto por treze meses, cada um com vinte dias, formando um ciclo de 260 dias, chamado de *tonalpoalli*. Combina-se o primeiro número com o primeiro dos signos, o segundo número com o segundo signo até chegar o treze. Assim, a seqüência obedece à seguinte ordem: 1 lagarto, 2 vento, 3 casa, até 13 *Caña*. Concluindo-se, deve-se voltar ao número 1, mas com 14º signo, voltando ao início da seqüência que foi repetida até que o 13 se junte com o segundo signo, a flor. Nesse ponto, terá sido completado um ano. Os números são os meses e os signos são os dias.

Esse calendário divino consistia de 260 dias, o que representa treze meses. Todos os dias e os números se escrevem no universo espiritual, de acordo com as qualidades positivas e negativas. Assim, a conta do dia do ano usa treze pontos numéricos. Depois que se alcança os cinquenta e dois anos, inicia-se novamente, o que permitia aos mixtecos compor um ciclo de 52 anos, tempo comparado com nosso ciclo de cem anos. Cada ciclo de 52 anos estava ligado a uma divindade que seria então “patrono” daquele ciclo.

O Senhor 7 Terremoto está representado no Códice Zouche-Nuttal como um herói sacrificando o Homem de Pedra na Guerra do Céu. Por serem descendentes de tais divindades, os reis mixtecos foram chamados de *Yya* que significa “senhor ou deus”.

A maioria dos deuses mixtecos aparecem como indivíduos distintos, porém outros parecem ter atributos semelhantes aos de *Nahua* do leste. É curioso como os mixtecos diferenciavam as datas dos nomes calendáricos nos Códices. Os nomes calendáricos estão registrados perto do personagem, ou seja, ao lado ou abaixo dele, de modo que as datas

se localizam sempre entre um personagem e outro, no meio da página. Os símbolos referentes aos dias são representações de animais ou plantas presentes no universo mixteco. Os mesmos eram vistos como seres ligados aos deuses, ou a rituais religiosos, enfim a animais de poder.

Após análise dos elementos necessários para sua interpretação, cabe-nos tratar sobre o conteúdo do Códice. O Códice Zouche-Nuttal por ser um códice histórico-genealógico, aborda a genealogia dos governantes dos senhorios mixtecos, as alianças entre seus governantes e os reis fundadores dos senhorios. O lado reverso apresenta uma ênfase especial a um dos governantes mais importantes da Mixteca, o Senhor 8 Veado Garra de Jaguar que, apesar de não ter nascido de linhagem real, conseguiu chegar ao poder e, durante seu reinado, unificou a Mixteca sob seu comando. Os senhorios que têm sua genealogia e histórias mais registradas no Códice Zouche-Nuttal são o de *Zaachila*, *Teozacualco* e *Tilantongo*. O que nos mostra que, provavelmente, esses lugares eram senhorios de grande importância durante o período pós – clássico.

Uma ênfase especial na genealogia de *Teozacualco* faz suspeitar que seja esse o lugar de origem do Códice. Ao longo da narrativa, pode-se aos poucos perceber aspectos da vida em sociedade dos mixtecos, quando se observa, por exemplo, os rituais de purificação e sacrifícios que serviam para confirmar o direito ao trono e demonstrar a aprovação divina ao governo de um determinado rei. Como a cerimônia do Fogo Novo que simbolizava o início de uma dinastia e a fundação de um senhorio. As alianças políticas, como a do Senhor 4 Jaguar, um aliado Tolteca do Senhor 8 Veado, além de casamentos com objetivos políticos que ajudavam a unir mais de um senhorio sobre o comando de um só governante. O casamento entre parentes, próximos ou distantes, não era proibido, e reis como o senhor 8 Vento tiveram mais de uma esposa. Alguns desses príncipes tornaram-se sacerdotes, além de governantes. É possível perceber narrativas de guerras e tentativas de anexação, como a que matou o filho do senhor 8 Vento. Também, podem-se observar as relações mantidas entre os diversos senhorios, como a aliança com os Toltecas e com os Zapotecas, além da conquista de *Zaachila* pelos mixtecos e sua organização em senhorios, formados por cada um dos povos e suas comarcas aldeãs, nas quais alguns permaneciam independentes. Os personagens que mais se destacam, além do senhor 8 Veado, do qual o reverso é inteiramente a ele dedicado, tratando desde seu nascimento, ascensão, suas peregrinações e guerras, as intrigas entre ele e a sua rival a Senhora 6 Mono de Jatelpec, são o Senhor 8 Vento, governante de Suchxtlan, a Senhora 3 Pedernal e o Senhor 4 Jaguar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O códice Nuttal tem a sua escrita intimamente ligada ao calendário mixteco, que organizava todas as instâncias da vida em comunidade, apresentando os tempos e os nomes dos fatos e pessoas que nele aparecem. Pode-se ver que o documento está ligado à tradição oral, de modo que a sua função era a de reforçar e contribuir para o aprendizado dos cânticos, ritos e da memória do povo mixteca. Povo esse que possuía um intrincado sistema de governo, com sucessões bem definidas, cerimônias de afirmação do poder do governante e aliança entre os diversos povos da região, seja por casamento ou tributos. Muitas lacunas ainda existem, as quais impedem o completo entendimento do conteúdo desse livro, devido à destruição da maioria das fontes indígenas e o desaparecimento dos sábios e detentores do conhecimento mixteco.

Esta pesquisa mostrou que, para o estudo dos povos mesoamericanos, é imprescindível considerar, também, as fontes indígenas, por meio das quais se pode ter a visão dos mesoamericanos, a partir de sua própria realidade, não se baseando somente nas fontes secundárias. A própria forma de escrita que esses povos desenvolveram está intimamente ligada a sua concepção de mundo e cosmogonia, o que faz necessário, para se entender o Códice Zouche-Nuttal, analisá-lo no contexto cultural mesoamericano e não com um olhar ocidental, que tende a descaracterizar toda a produção intelectual envolvida nesse processo, levando-a para o campo das fábulas ou imaginação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JANSEN, M.; GARCIA, L. R.; FERDINAND, A. **Crônica Mixteca**: Libro explicativo Del llamado Códice Zouche-Nuttal. México: Fondo de Cultura econômica, 1992.
- LEON-PORTILLA, M. **Los Antigos Mexicanos através de sus crônicas y cantares**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.
- _____. **Literaturas indígenas do México**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.
- _____, M. **El Destino de la Palabra**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1996.
- SANTOS, E. N. **Deuses do México Indígena**. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- _____. **Os Códices mexicas**. Soluções figurativas a serviço da escrita pictográfica. 2003. Disponível em: < http://www2.essex.ac.uk/arthistory/arara/issue_five/paper3.html > Acesso em: 28 de nov. 2005.